

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-CAMPUS VII

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GLEICIANY DA CRUZ SILVA

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA
“BURITI MAIS” NA UNIDADE ESCOLAR COMUNITÁRIA CODÓ NOVO (CODÓ-MA)

CODÓ-MA

2020

GLEICIANY DA CRUZ SILVA

**DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA
“BURITI MAIS” NA UNIDADE ESCOLAR COMUNITÁRIA CODÓ NOVO (CODÓ-MA)**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão -
Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Prof. Dr. Gleiciane Brandão Carvalho

CODÓ-MA

2020

GLEICIANY DA CRUZ SILVA

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR: uma análise da representação social do negro no livro didático de história “buriti mais” na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo (Codó - MA)

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Universidade Federal do Maranhão, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Local, 02 de setembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Gleiciane Brandão Carvalho)
Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. (Aziel Alves de Arruda)
Avaliador
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ma. (Aldina da Silva Melo)
Avaliadora
Universidade Estadual do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Gleiciany da Cruz.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR : Uma análise da representação social do negro no livro didático de história "buriti mais" na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo Codó - MA / Gleiciany da Cruz Silva. - 2020.

58 f.

Orientador(a): Gleiciane Brandão Carvalho.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, CODÓ-MA, 2020.

1. Discriminação. 2. Educação. 3. Práticas Discriminatórias. I. Carvalho, Gleiciane Brandão. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por todas as oportunidades e graças concedidas.

Agradeço a minha mãe Francisca Maria pela força e dedicação. E ao meu pai José dos Remédios que se tornou uma estrelinha que me guia e que me motivou a ser uma pessoa melhor a cada dia. Que estiveram e estão sempre me apoiando na minha trajetória escolar e de vida.

Agradeço a todos os meus irmãos em especial ao Wanderson Silva, que me apoiou em todas as minhas decisões, agradeço a você por tudo que fez e faz por mim.

Agradeço ao meu namorado Kleberty Paiva, por ter ajudando-me a superar as experiências frustrantes ao longo do curso.

Aos meus amigos, pelo apoio que me deram no momento mais difícil da minha vida.

A minha orientadora, Gleiciane Brandão Carvalho que agradeço por me direcionar ao caminho certo para a produção deste trabalho e por acreditar no meu potencial como pessoa.

RESUMO

Este trabalho pretende discutir sobre a Discriminação Racial no Ambiente Escolar, tendo como foco os Livros Didáticos de História do ensino fundamental de 3º e 4º ano, a Lei 10.639/03 que visa aplicação do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo da educação básica. Essa discussão perpassa pelo âmbito social e histórico de discriminação e desigualdade presente no Brasil, assim como os percursos que reforçam tais disparidades no ambiente escolar. Acredita-se que estudar a cultura negra deve e pode ajudar na desconstrução de estereótipos impregnados em nossa sociedade. Sendo assim objetiva-se investigar se as práticas docentes dos professores e os livros didáticos de História auxiliam na reconstrução identitária ou reforçam estigmas e preconceitos presentes na sociedade, mas sobretudo no município de Codó – MA. Para a concretização deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas no que diz respeito à discriminação racial, tais como, CAVALLEIRO, (2001), que em suas pesquisas debate temas com relação à educação antirracista, abrindo espaço para a exclusão no ambiente escolar de crianças negras. GOMES; SOUSA, (2010) que em seu capítulo tem como foco a educação étnico-racial e a diversidade cultural no que diz respeito à lei 10.639/03. Logo a aplicação de questionário online, no qual foram analisadas as percepções dos docentes no que se referem às práticas discriminatórias no ambiente escolar, é notória que a prática docente é uma peça importante para o desenvolvimento e desempenho do aluno. Sendo possível concluir que a prática docente contribui para a valorização da diversidade cultural existente na escola e assim contribuir para acabar com o preconceito racial que por ventura permeiam no ambiente escolar.

Palavras-chaves: Discriminação. Educação. Práticas Discriminatórias.

ABSTRACT

This paper intends to discuss about Racial Discrimination in the School Environment, focusing on the 3rd and 4th year History Textbooks of fundamental education, Law 10.639 / 03 which aims to apply Afro-Brazilian and African History and Culture Teaching in the curriculum basic education. This discussion occurs due to the deep marks left in Brazil, where inequality and disrespect permeate as schools, it is believed that studying a black culture should and can help in deconstructing stereotypes impregnated in our society. Thus, the general objective is to investigate the teaching practices of teachers for the construction of identity and their influence on racial discrimination in the Municipality of Codó - MA. To carry out this work, bibliographical researches were carried out with respect to racial discrimination CAVALLEIRO, (2001), who in their researches debate themes in relation to anti-racist education, opening space for the exclusion of black children in the school environment. GOMES; SOUSA, (2010) which in its chapter focuses on racial ethnic education and cultural diversity with respect to law 10.639 / 03. Right at the request of an online questionnaire, which were not analyzed as teachers' perceptions, not that they are located at discriminatory practices in the school environment, it is clear that practice is an important part of the student's development and performance. It is possible to conclude that a teaching practice contributes to the valorization of the cultural diversity existing in the school and thus contribute to end the racial prejudice that pervades the school environment.

Keywords: Discrimination. Education. Discriminatory Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O ENSINO DE HISTÓRIA E A LEI 10639/2003	14
1.1 O ensino de História como construtor da identidade positiva do negro.....	19
2. A REPRESENTATIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA.	22
2.1 O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO “BURITI MAIS HISTÓRIA”: UMA ANÁLISE DO 4º ANO.	
3. Procedimentos Metodológicos	33
3.1 Análise dos dados.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERENCIA.....	52
ANEXOS	55

IMAGENS

FIGURA 1- Livro 3º ano

FIGURA 2- Batuque

FIGURA 3 - JEAN-BAPTISTE DEBRET: Um jantar Brasileiro, 1827

FIGURA 4 - Livro 4º ano

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país onde há uma predominância de desigualdades, tanto de direitos, de oportunidades, saúde e de educação, são diversos os direitos negados no Brasil, principalmente no que está relacionado à pessoa negra, gerando o preconceito racial, mesmo sabendo que o Brasil é um país de democracia racial tendo em vista que somos iguais perante as Leis.

As discussões sobre preconceito racial estão presentes em toda a sociedade, como em salas de aulas e no trabalho, ainda nos dias atuais há quem defenda a inexistência deste, tornando-o velado.

Levando muitas pessoas a afirmarem que não existe discriminação racial no Brasil e outras não se dão conta do seu preconceito naturalizado, e isso é muito pertinente de ser discutido em vários espaços sociais, principalmente no cotidiano escolar por influenciar negativamente no processo de ensino e aprendizagem e na vida do aluno. Pois geralmente o preconceito acontece quando uma criança, jovem é impedida de seus direitos, ou seja, quando é impedida de usufruir das coisas por sua cor, raça, sexo etc.

Diante disso, passamos a exigir das escolas uma posição para que se desenvolvam ações de intervenções, que traga metodologias, estratégias que possam combater o racismo e ao mesmo tempo promover a construção um de identidade e que os próprios alunos possam combater qualquer tipo de discriminação existente tanto no espaço escolar quanto fora dela. O fato é como discutir a Discriminação Racial no Ambiente Escolar? Como surgiu? E acredita-se mesmo que nos espaços escolas não existam? Deste modo, a discriminação racial, as práticas docentes na construção da identidade infantil, são temas necessários para serem discutidos nos espaços escolares devido à forte influência da escola no desenvolvimento das crianças. Partindo do que é observado e levando em consideração o excessivo comportamento discriminatório, em vários espaços, a presente pesquisa visa responder, como as práticas docentes podem ajudar na desconstrução do preconceito racial que perpetua até hoje.

Á princípio o interesse em discutir este tema veio devido a experiências vividas por mim ao longo de minha trajetória, pois nunca me senti representada

socialmente, sobretudo no ambiente escolar. Agora como professora “estagiaria” senti o peso do ser professor e a importância para construção identitária. A pesquisa oportuniza me libertar das amarras sociais e contribuir para a construção de sonhos em meus alunos. durante os estágios, por exemplo, vendo as crianças chamarem uns aos outros de “negrinho, carvão, macaco”, apelidos que menosprezam, descaracteriza, diminuem o outro, como se o ser negro fosse naturalmente inferior às outras pessoas.

Veio-me em mente o que um membro da minha família passou, já que recebeu apelidos de seus colegas por conta de sua cor, em razão disso, tivemos de enfrentar vários problemas ocasionados, pela falta de respeito e discriminação ocasionada a uma criança, como, o não querer ir à escola, baixa-autoestima, choro, e passou a se questionar, do porque isso estava acontecendo se somos todos iguais. Quando começou a relatar o que estava acontecendo no ambiente escolar, a única saída que encontramos, foi entrar em diálogo com a escolar e conseqüentemente com os pais da criança preconceituosa, isso foi necessário, para que a instituição tomasse alguma providencia, que já a aluna (o), agredida (o), já havia relatado a docente, do que estava acontecendo, para tanto, a docente simplesmente dizia ser algo de “criança”, já que a criança que dirigiu ofensas, ela não nasceu preconceituosa, ela só estar reproduzindo o que viu.

Discriminar, ser racista, não deve ser caracterizado como brincadeira simplesmente por se tratar neste caso de duas crianças. Visto que a que foi vítima, foi fortemente agredida e a instituição, docente e pais, não fizeram nada para que essa situação não viesse mais acontecer com nenhuma outra criança.

A escola não deveria ser um local de disseminação de preconceitos, no entanto durante toda minha vida escolar, seja no ensino fundamental ou médio, sofri pelos olhares, frases e piadas relacionadas a cor e por desconhecer meus direitos, na época, sempre buscava resolver discutindo. Apesar das violências verbais sofridas no ambiente escolar, meus avós sempre utilizavam de histórias familiares para termos representação e com isso, conhecer a história familiar.

Toda essa experiência é perceptível e compreendida a partir do momento em que me vi no outro, que senti a dor do outro, me doeu mais, do que de inúmeras vezes fui vítima. Para tamanha falta de respeito com o outro, a não aceitação deve ser de si mesmo, que conseqüentemente para amenizar a sua indiferença, prefere ver a beleza do outro, como defeito. E as instituições escolares vêm negando as

características multirraciais e multiétnicas existentes no espaço escolar. Como se o que predomina é a hegemonia branca, ou seja, uma dominação de classes. Mesmo que tenha passado 132 anos do fim da escravidão, ou mais precisamente da assinatura da Lei Áurea no Brasil, a desigualdade racial persiste até os dias atuais. Os diferentes tipos de discriminação racial não ocorrem somente por parte dos alunos, mas também pela sociedade em geral.

Essa discussão dentro do âmbito educacional é de suma importância, pois, a escolar tem um papel importantíssimo no combate ao racismo, visto que, a prática educacional vai além da aquisição de conhecimentos teóricos. Onde o professor sabido das divergências entre alunos, pode discutir juntamente com a escola medidas de superação ao racismo, discriminação e preconceito, e que essas medidas venham gerar discursões para desmistificarmos estereótipos e com isso garantir o respeito de todos com os alunos negros e que os mesmos tenham sua identidade negra reconhecida e preservada.

Essa diferença entre alunos pode ser discutida a partir de uma reflexão em torno Lei 10.639 / 2003, são desenvolvidas ações de valorização da diversidade racial nas instituições escolares. Pois a Lei abriu espaço para uma discursão entre alunos, professores, gestores, e comunidade escolar. Com a tentativa de combater o preconceito que domina nas instituições escolares.

A desigualdade presente no ambiente escolar é um dos fatores que prejudica o aluno negro, levando a queda do rendimento escolar e até mesmo a evasão escolar. É notado que são bastante comuns os apelidos e outras formas de discriminação, e isso tudo se torna despercebido por se tratar de crianças, tornando-se o preconceito mascarado, como se a discriminação fosse uma brincadeira entre crianças.

A reflexão acerca da discriminação é perceptível que não é só em relação à cor da pele, mas também ao gênero, ou seja, a discriminação em função do sexo, idade, raça, e da cor. Todas as pessoas na qual são vistas inferiores são constantemente discriminadas por serem pobres, obesos, entre outros. Tudo isso tem uma relação com a educação, e é inegável dizer que todo o tipo de preconceito, seja ele por causa de suas características físicas ou não, se desencadeia com uma boa educação.

De acordo com alguns relatos e por experiência própria, algumas pessoas não sabem a quem recorrer, quando a criança ou jovem é vítima de discriminação

racial. Acredite nem todos sabem, por isso é importante que a escola colabore e apoie as famílias em busca de justiça na forma da lei.

É sabido que a criança precisa ser assegurada pela instituição escolar, seja, para procurar o conselho tutelar, ou a delegacia de proteção à criança e em último caso a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), pois o ato de discriminar é caracterizado como uma violação de direitos. Mas antes que você precise dos órgãos de defesa da criança e do adolescente, é importante educar, ensinar as crianças a valorizar a diversidade étnica racial existente no país. Que faz dele um lugar de riquezas naturais.

Devido ao que passei e o sofrimento ocasionado pela indiferença vista pelo agressor, que resolvi adentrar ao tema, em razão de que a discriminação, o racismo, o preconceito estão presentes no ambiente escolar e são problemas sociais que necessitam serem questionados e dialogados até que não existam mais. O tema é importante, não somente por ter sido vítima, mas por entender que como professora posso auxiliar que outras crianças não cresçam com os traumas que cresci.

Compreendo que a família é um fator preponderante na questão da desconstrução dos feitos ocasionados ao serem vítimas de discriminação racial, pela ausência da família, seja por não saberem o que é preconceito racial ou o racismo, e isso tem silenciado os nossos alunos, refletindo, pois no processo de ensino e aprendizagem, tal como, evasão escolar, a autodepreciação e em sua maioria construindo sua autoimagem negativa.

Sabemos que os livros didáticos, colaboram para isso, pois a criança negra/afrodescendente não se vê representada nos instrumentos usados por elas diariamente, ou se veem são de forma estigmatizada, ou seja, são marcados negativamente. É notado que, os objetivos dos conteúdos, prática educacional, métodos e a relação professor/aluno, são tidos como o principal meio de reprodução ideológica, isso se perpetua até os dias atuais, pela história do nosso país.

Por isso, a importância de enfatizar que a discriminação racial, tornou-se gradativa a chegada dos portugueses, onde se utilizavam da mão-de-obra escrava dos negros, explorando, escravizando, devido a isso, são caracterizados até os dias atuais, como inferiores. E isso ocasiona os surgimentos de ideias diferentes entre os grupos sociais, resultando no debatido neste trabalho, a discriminação racial e o preconceito com relação aos personagens e pessoas negras. Chegando a nos questionar, por que conservamos um passado de injustiças? Por que não buscamos

sermos conservadores, mas inovadores em busca de reinterpretar o passado e escrever um futuro?

Por isso, tão quão é importante o resultado deste trabalho, visto que se apresenta um problema social vivido, sentido na pele e por constantemente presenciar no âmbito educacional a discriminação racial e que defendo que este problema afeta meu aluno, refletindo no seu convívio social. E reitero que, nenhuma criança nasci racista e sim que o ato de discriminar seja reflexo de uma construção histórica, de uma opinião mal dada, com ralação as diferenças raciais, ou seja, por marcar os grupos sociais como inferiores e superior ou por rotulamos/pregarmos o etnocentrismo¹ da raça branca.

Com isso conclui-se que a uma ideia de superioridade e que isso possa ser solucionado com práticas educacionais visando o estudo da temática em questão, ou seja, o que determina os Parâmetros Curriculares Nacionais, para que no âmbito educacional deixem de existir práticas racistas, que existem em existir disfarçadas e naturalizadas dentro do ambiente educacional, pois o que nos resta acreditar nessa sociedade, que a cada dia nos deixar perplexos com os acontecimentos tidos naturais de uma sociedade moderna. Ainda se acredita no poder da educação.

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos, onde temos como objetivo geral, investigar as práticas docentes dos professores por meio dos livros didáticos para com a construção da identidade e sua influência para com a discriminação racial na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo.

Objetiva-se, analisar, como a discriminação racial se apresenta nos livros didáticos; Identificar como o ensino de história pode contribuir para a construção da identidade positiva; discutir as percepções dos docentes no que se referem às práticas discriminatórias na Unidade Escolar Comunitário Codó Novo. O primeiro capítulo busca entender acerca da Lei 10639/2003 e o Ensino de História como construtor da identidade positiva do negro. O segundo, sobre a representatividade da população negra e a cultura afro-brasileira em livros didáticos de história e por último uma

¹ A palavra **etnocentrismo designa uma forma de enxergar outra etnia** (e suas derivações, como cultura, hábitos, religião, idioma e formas de vida em geral) com base na etnia própria. A visão etnocêntrica de mundo não permite ao observador de uma cultura reconhecer a alteridade e faz com que ele estabeleça a sua própria cultura como ponto de partida e referência para quantificar e qualificar as outras culturas. Disso se resulta, grosso modo, que o observador etnocêntrico vê-se como superior aos demais em aspectos culturais, religiosos e étnico-raciais. PORFIRIO. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>. Acesso em 11 de junho de 2020.

pesquisa de campo tendo como base a percepção dos professores sobre a discriminação racial na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo.

Pretende-se analisar os livros didáticos de 3º e 4º, do Ensino Fundamental da coleção “Buriti mais História” da editora Moderna, editora responsável Lucimara Regina de Sousa Vasconcelos. Utilizados nas escolas públicas desde 2019 e vai até 2022, segundo o PNLD.

Assim, o que se tem visto o que predomina é a ausência de personagens negros na construção da sociedade e sim, uma representatividade do negro com uma identidade negativa e como um objeto folclórico.

Com relação às práticas docentes busco trazer a importância de o docente discutir relações que venham amenizar ou até mesmo resolver este problema nas escolas e com isso trazer soluções na construção da identidade positiva do negro. Sabido que, cabe ao professor com sua prática pedagógica mostrar aos alunos o melhor caminho de combater à discriminação racial e com isso desenvolver a igualdade entre alunos. Em razão de que, não estamos falando de uma minoria de alunos, e sim da quase metade da população brasileira.

Para a realização deste trabalho foi feita pesquisa bibliográfica, para discutir este tema, Cavalleiro (2001), Gomes; Sousa (2010), Guimarães (1991), Campos (2004), DCN-s (2004), Fernandes (2005), Schmidt; Garcia (2005) e outros. Todos estes autores discutem de que forma a discriminação se apresentar no âmbito educacional, nos livros didáticos e a diversidade cultural frente à educação, e a pesquisa documental no qual trago uma reflexão acerca da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A lei, traz novas diretrizes curriculares para o ensino da história e cultura afro-brasileira, tem como propostas que os docentes devem passar em sala de aula a cultura afro-brasileira. Com isso formar uma sociedade ciente da história e que se sintam sujeitos construtores dessa história.

1. O ENSINO DE HISTÓRIA E A LEI 10639/2003.

Sabemos a importância de discutir vários temas relacionados à educação, desta forma discutiremos neste capítulo a Lei 10.639/2003 que há exatamente dezoito anos, foi sancionado um projeto que obriga o Ensino de História afro-brasileira nas escolas públicas de todo o Brasil. Uma decisão histórica que busca a superação da desigualdade racial e um dos mais importantes a adotar uma postura frente a valorização da cultura, classe social, etnia e o primordial a vida da pessoa negra.

No entanto a nova Lei prever trabalhar conhecimentos referentes à “História e Cultura Afro-Brasileira” para que as pessoas que compõe vários grupos etno-raciais como os negros afro-brasileiros venham conhecer um pouco mais sobre o Brasil e sua própria história. Para que isso possa ser efetivado dentro das escolas, é preciso “entendemo-la como uma instituição social construída por sujeitos socioculturais, compreendida como espaço da diversidade para a formação de cidadãos, onde as práticas docentes têm um papel fundamental e não descartável”, (GOMES, SOUSA, 2010, p. 20). A instituição na qual nos referimos não se trata simplesmente de um espaço onde se transmite conhecimentos, mais também um local que de forma inconsciente e conscientemente propaga o preconceito. De forma que valoriza apenas uma classe social. Em contraponto a isso, a Base Nacional Comum Curricular norteia o currículo com objetivos para que a educação leve em consideração as competências para a educação básica, que pretende assegurar um processo de aprendizagem que seja capaz de desenvolver uma formação humana, em vista, de uma sociedade justa, democrática e inclusiva a todos. BNCC (2017).

No entanto, o Brasil, por exemplo, é caracterizado como um país rico em pluralidade e diversidade cultural, devido aos seus antecedentes, ou seja, devido à chegada dos colonizadores, os índios que já se encontravam aqui, os negros trazidos da África, para o trabalho escravo. Contudo é correto afirmar, que todas essas pessoas e suas culturas influenciam na diversidade cultural. A diversidade cultural tem sua importância na junção de costumes, tradições no qual são adquiridos ao longo do tempo, que ajudaram na formação da sociedade, podendo dizer que a pluralidade enriquece o nosso país.

Conforme, Silva, Silva, Melo (2012, p. 2).

A lei 10.639/ 2003 contribui para a desconstrução da imagem inferiorizada e estereotipada do negro, que ao longo da história foi sendo constituída e reproduzida pela escola. À mesma que antes reproduziu práticas discriminatórias é convocada nos dias atuais por obrigatoriedade de uma lei, a reformular a sua proposta curricular, visando o reposicionamento da população negra na sociedade. Promovendo assim, políticas de reparações que possam romper com os efeitos de mais de 500 anos de histórias mal contadas, recheadas de preconceitos, discriminação e racismo.

Apesar disso, a desigualdade no Brasil tem raízes profundas, pois os direitos não são distribuídos por igual a todos, como podemos citar os negros até hoje são classificados como grupos marginalizados, que moram na periferia, sem direito a educação. Não é só a sociedade que marginaliza o negro não, a escolar tem sua parcela de culpa. Vejamos, em fevereiro de 1854 era possível observar vários momentos em que não era possível aos negros e escravos o direito a educação, sobretudo em 1878 a partir, do Decreto nº 7.031 – A. Que foi permitido o acesso aos adultos negros o acesso à escola, mas só seria possível, se os professores tivessem disponibilidade. (SILVA, SILVA, MELO, 2012).

Toda essa representação nos dá a ideia, que a educação produz a desigualdade em nome da igualdade, pois o que vemos é um ensino desfocado da realidade do aluno, sem nexos com o descrito nos documentos que estabelecem uma educação como um direito de todos. Pois não há um ensino único e muito menos uma história exclusiva. Deste modo, temos um marco histórico a Lei 10.639/03 que permite discutir questões de desigualdade educacional no nosso país para que possa ser reavaliada. E que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assegura o estudo da história e cultura afro-brasileira, onde tem como propostas que os docentes devem trabalhar em sala de aula a cultura afro-brasileira e com isso os alunos terão conhecimentos acerca da África e dos Afro-brasileiros, já que a História nos propicia compreender a formação cidadã.

Em contraponto a isso, o ensino de história ao longo dos anos, vem passando por diversas mudanças, antes essa disciplina era vista como ferramenta ideológica de dominação social, onde prevaleciam o pensamento das classes mais altas, dando ênfase para o eurocentrismo, ou seja, “a Europa branca” como centro da História. Como bem coloca Guimarães (1991, p. 157) “Já não há lugar para o

reducionismo ou até mesmo para o discurso sobre o ensino de História que o qualifica como mero reprodutor da ideologia dominante, ou seja, não é concebível colocá-la como História dos Vencidos”. O Ensino da História tem de ser colocado para ser debatido, questionado, instigando o aluno, o desejo de pensar a realidade.

Neste ensino era possível observar a desvalorização da cultura indígena e da cultura afro-brasileira, com aplicações de métodos tradicionais que não permitiam que o aluno tivesse uma reflexão crítica, referente às mudanças que ocorreram no mundo e muito menos dava oportunidades para que o aluno pudesse modificar esta História colaborando-o para uma sociedade melhor.

A Base propõe que.

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual. (BNCC, 2017, p. 397).

Com referência ao citado acima, o ensino constitui de uma relação mais próxima do aluno, sendo possível o alunado pensar o mundo a sua volta, desenvolvendo uma aprendizagem capaz de respeitar as diferenças culturais. Dessa forma, a disciplina de história é capaz de promover no aluno um senso crítico capaz de levá-lo a refletir sobre o seu próprio meio e assim poder fazer as transformações necessárias para o seu bem estar social, com isso a Lei 10.639/03 “possibilita a emancipação da prática educacional e a valorização dos conteúdos de História” (CAMPOS, 2004, p. 49). Para isso será preciso uma capacitação de professores, para que dentro das instituições o estudo da cultura africana não seja negada, por que mesmo com a obrigatoriedade algumas escolas não se adequaram ao currículo educacional exigido, essa tal falta de cumprimento é justificada pela falta de materiais didáticos específicos e a oferta de curso preparatório para que estes professores possam cumprir o que está no currículo.

Em meados nos anos 60 e início da década de 1970, “a História sofreu golpes violentos através de uma série de medidas pensadas estrategicamente no sentido de pulverizar ou mesmo eliminar a História ensinada na escola fundamental” (FONSECA, 1991, p. 158).

Enfim, ainda se esperam que as escolas apresentem aos alunos a História da África e dos africanos, as lutas dos negros, a cultura negra no Brasil, para que haja

um resgate da contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e política do nosso país. Mas para que a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, seja efetivada com vigor, é de fundamental que o poder público federal, estadual e municipal integre e façam valer a lei.

Art. 3º A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdo, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004 (DCN-s, 2004, p. 32).

É notado que com a aprovação da Lei, veio à tona, que as instituições escolares não sabem trabalhar com os alunos tidos de camadas mais pobres é formada de negros e mestiços. Que a sociedade é formada de uma nação pluriétnica e multirracial na qual há uma diversidade cultural. Devido a isso, as escolas não sabem respeitar essa realidade.

Apesar da renovação da lei, por meio de novas estratégias para o ensino de história, os livros didáticos vão contra a isso. Pois ainda é comum a representação da Europa como civilizada e portadora de uma cultura superior às demais.

Deste modo.

Os livros didáticos, sobretudo os de história, ainda estão permeados por uma concepção positivista da historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, escamoteando, assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do país (FERNADES, 2005, p. 380).

Ou seja, os livros ainda estão permeados de temas isolados, não apresentando a História do Brasil tão pouco a História geral. Como se os tidos como vencidos fossem os vilões. Suas lutas, conquistas, suas propostas de valorização, na sua grande maioria não aparecem.

No contexto educacional sempre existiu uma disputa teórica/política em torno do currículo em especial de História, pois há sempre um debate acerca do que

ensinar. Mas por que tanta mudança em torno do currículo, se o ensino de História até nos dias de hoje é fragmentado repassando múltiplas concepções de História com uma concepção eurocêntrica, ou seja, uma história centrada na história da Europa.

O Ensino de História ou estudo Histórico tem sua importância a partir do momento em que contempla a pesquisa, ou seja, a partir do momento em que o aluno estabeleça uma relação social construtiva com o indivíduo, grupos, e o mundo. Com isso, o aluno será capaz de refletir seus valores, suas práticas. Por intermédio disso, o aluno terá elementos que o leve a compreender a problemática histórica relacionada a seus grupos étnicos. A partir disso o aluno estará:

Confrontando conteúdos encontrados nos livros e manuais com outros encontrados por eles em atividades de captação, alunos e professores podem se apropriar de procedimentos que fazem com que tomem consciência de que o sentido do passado não se encontra somente na perspectiva da continuidade, mas também na da mudança. (SCHMIDT; GARCIA, 2005, p. 304)

Ou seja, havendo uma junção do saber apreendido pelos professores no decorrer de sua formação com a do aluno que se encontra em construção, será possível fomentar a consciência histórica de cada um. Possibilitando a junção de novas práticas que unifica a vivência histórica de professores e alunos, que devem ser debatidas de acordo com as mudanças ocorridas na história.

Dessa forma, o ensino da História possibilita entender as mudanças ocorridas na própria História. Um dos objetivos gerais para o ensino de História, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais são:

Os alunos deverão, conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas e políticas reconhecendo diferenças e semelhanças entre eles; Reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas presentes em sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como direito dos povos e indivíduos e como elementos de fortalecimento da democracia. (PCNs, 1997, p. 33).

Nessa perspectiva, será possível produzir junto aos alunos conhecimentos que os farão respeitar os diferentes grupos étnicos raciais, mais com propostas de leituras de diferentes textos, uso de livros didáticos. Fazer com que os alunos

repensem a realidade vivida por essas pessoas. Sem deixar de lado as transformações, as conquistas que os embates sociais propuseram.

Pois as diferenças culturais não são tratadas, como algo que engrandece a diversidade de nosso país, e sim como algo que fragiliza as relações étnico raciais. É como se buscassem o silenciamento da cultura negra. Não sabendo o tão grande é a importância de sabermos a história da população que enriquece o Brasil.

Visto que o conhecimento da história é um campo fértil, como coloca FONSECA (1991, p.165) “o conhecimento não é algo dado pronto e acabado, mais em constante reelaboração e construção que se dá a partir das necessidades e problemas colocados pelo cotidiano”.

1.1 O ensino de História como construtor da identidade positiva do negro.

O ensino de História ao longo dos anos era visto como ferramenta ideológica de dominação social, onde prevaleciam o pensamento das classes mais altas dando ênfase ao eurocentrismo, como sendo o centro da História. E que hoje vem passando por diversas mudanças, capaz de provocar no aluno um senso crítico, e leva-los a refletir sobre o seu próprio meio e assim poder fazer as transformações necessárias para o seu bem estar no meio social. Sendo que a História não é algo estático, mas que esta disciplina é capaz vislumbrar as lutas e conquistas dos seus antepassados.

Uma vez que, o Ensino de História era e é passado de forma decorativa como coloca a autora Samba do Crioulo Doido.

Foi em Diamantina Onde nasceu JK Que a Princesa Leopoldina Arresolveu se casa Mas Chica da Silva tinha outros pretendentes E obrigou a princesa a se casá com Tiradentes Lá iá lá iá lá iá..... O bode que deu vou te conta Joaquim José Que também é Da Silva Xavier Queria ser dono do mundo E se elegeu Pedro Segundo..... [...]

(Compositor: Sérgio Porto, Extraído de: QUARTETO EM CY EM C MAIOR (disco). Quarteto em CY, Rio de Janeiro, Elenco, 1968.)

A música lançada em 1976 retrata justamente a História do nosso país, o que manda o regulamento da época, pois o ensino era estudado exatamente como o compositor apresenta em sua obra. Infelizmente o clássico dos anos, mostra como a Educação Brasileira é passada, com disciplinas conteudista onde são jogados uma

quantidade de conteúdos que já veem prontos. Não podendo o aluno questioná-los, pois se caracteriza como um ensino tradicional centrado no professor.

Além disso, podemos perceber outra interferência vista hoje, os professores são subordinados do Estado, onde lhes são tirados seus direitos em sala de aula, nos quais são aprisionados de passar apenas o que lhes é imposto como necessário.

Diante do disposto anteriormente, podemos dizer diante das críticas a respeito da evolução e ao mesmo tempo o retrocesso a respeito da educação, ou seja, o currículo é cheio de intencionalidades que defende o interesse do Estado, havendo uma interferência na formação cidadã, obedecendo aos interesses das classes denominadas dominantes.

Para, além disso, é importante refletir como o ensino de História pode desconstruir a cultura do racismo, deixando claro que ao longo da história o negro lutou e vem lutando, e foi tido como uma peça de trabalho escravo e que contribuíram muito para a construção do nosso país. Com isso o aluno vai valorizar as diversas culturas existentes, e se posicionar contra e qualquer forma de discriminação baseada em diferenças culturais, como de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Apesar de que ainda hoje o ensino de história é tido como uma disciplina decorativa, no qual temos a história e o historiador que acontece por meio de um processo de interação entre diálogo e fatos sendo um fenômeno social, dessa forma temos o historiador que vem relatar a história, porém a história que nos é contada vem delimitada, por que a visão presente está vinculada a certas convicções religiosas e políticas.

Dessa forma, a escola não pode promover práticas escolares para combater o racismo apenas em datas comemorativas, como o dia da Abolição da Escravatura em 13 de maio ou até mesmo no dia da Consciência Negra em 20 de novembro. Pois essas datas são lembradas como datas comemorativas ou até mesmo como uma simples data de conscientização.

Para que essas datas não passem de datas comemorativas, o educando tem que conscientizar para uma prática eficaz, trazendo o verdadeiro significado e tão quanto essas datas podem dar sentido do porquê das conquistas e porque esses dias são lembrados. Por que até então, a Abolição da Escravatura foi e é uma data que traz um importante acontecimento dentro da história do nosso país.

Nesse contexto, temos o dia da Consciência Negra que homenageia um escravo Zumbi dos Palmares um Africano que nasceu livre, e que após seis anos de escravidão voltou a sua terra. Falar de Zumbi é trazê-lo para uma discursão, para a cultura africana e uma importante reflexão para que se tenha um impacto positivo para a construção da identidade positiva.

Trazendo essas datas comemorativas, não para ser lembrada apenas uma vez por ano, mas levar as crianças a refletirem sobre a história africana e indígena, por que o aluno conhecendo a história vai saber respeitar as etnias que compõe o nosso país, e assim conhecer as várias formas de combate ao racismo. Entretanto, o que ainda é possível fazer, é promover caminhos que aproximem a realidade do branco e do negro, mas isso só é possível de ser construída, por meio de políticas públicas que garanta o pleno desenvolvimento de erradicar as desigualdades raciais existente em nosso país como, a erradicação da pobreza, marginalização, combater as desigualdades sociais e regionais existente no nosso país e perpétua dentro das nossas escolas.

Nesse sentido, Cavalleiro (2001).

A escola formal tem grande relevância para a formação de cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos civis, políticos e sociais. Torna-se, então, fundamental a reflexão por parte de nós profissionais da educação sobre a presença das formas que conduzem às desigualdades na sociedade e também no espaço escolar. (CAVALLEIRO, 2001, p. 142).

O que podemos notar, é que a uma omissão das escolas com relação ao estudo da história do negro. É importante pensar como a história é criada, ou quem faz História, só parar e pensar, pergunte aos mais velhos suas histórias de vidas, de seus antepassados.

Visto que o Ensino da História tem grande importância na vida do aluno, possibilitando a compreensão com relação ao seu contexto social, para isso é preciso que o professor reveja suas práticas pedagógicas, seja com diversas metodologias, ou até com uso de recursos didáticos como filmes, livros, textos diferentes dos que são usados diariamente. Mesmo com esses pressupostos, o estudar História seja ela a mais remota que seja o importante é levar ao aluno a entender a História presente.

Para que o Ensino de História ajude na construção identitária positiva de nossos alunos será de fundamental ensiná-lo o que é História “A História pode ser

definida como tudo aquilo que o homem produz no decorrer de sua existência, é o produto de suas ações na sociedade”. (VIEIRA, 2018, p. 24) Sendo assim, somos seres construtores dessa História, seja no contexto social por intermédio de nossas ações, seja no âmbito cultural, familiar, e social, onde cada um constrói sua própria história identitária.

2. A REPRESENTATIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA.

O livro surgiu, pela necessidade de registrar e preservar a história da humanidade. Para que esses livros cheguem até os alunos, eles percorrem longos caminhos, tal como, aprovação do MEC para definir as diretrizes de cada edição, o ministério juntamente com o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), abrem editais para que as editoras enviem suas obras, para que assim sejam avaliados, atendendo as normas do MEC. Onde esses livros são um norteador para o trabalho do professor, ou a única ferramenta de apoio ao processo de ensino aprendizagem de crianças, de escolas públicas.

O uso do livro didático é um suporte importante devido que muitos de nossos alunos os têm como único instrumento de aprendizagem, onde o docente o adequa a realidade de seus alunos, visando à necessidade e a falta de outros recursos. É interessante enfatizar que além de ajudar no planejamento das atividades docentes, a serem passadas nas salas de aulas, essa ferramenta auxilia na prática de novos hábitos, como o da leitura, aguça a curiosidade a diferentes temas contidos nos matérias usados pelo anulado.

Os livros têm seus pontos, de importância e ao mesmo tempo chega a ser um instrumento de propagação de ideias, conceito e valores, é evidente que o Livro traz uma ambiguidade, para que essa incerteza não afete o aluno, o mesmo precisa ser utilizado como um recurso a acrescentar, nos diferentes conhecimentos a serem adquirido com relação à História da humanidade e não como único instrumento a ser usado por alunos e professores, sendo um aliado a ser utilizado para aguçar a curiosidade, e assim formar uma sociedade consciente.

Figura 1 – Livro 3º ano.



É importante ressaltar que antes de tudo, o olhar para a capa do livro é essencial, seja pra descrever uma imagem, para conhecer o autor de forma direta ou indireta. A capa é um elemento capaz de conquistar, prender o leitor. Principalmente quando se trata de um livro que será usado por uma criança, pois seus elementos podem significar muito para um aluno, pode seduzi-lo. A criança pode se ver, nas imagens, em elementos que compõe esta capa, pois isso pode ser essencial para que o meu aluno se reconheça como parte dessa história. E também que conheça quem os produziu, no caso deste, Lucimara Regina de Sousa Vasconcelos. Bacharel e licenciada em História pela

Universidade Federal do Paraná. Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos Andrade.

Tendo em vista, que o objetivo desde capítulo é analisar como os personagens negros tem sido e é representado nos Livros Didáticos de História do 3ª e 4ª ano do Ensino Fundamental, usados na Unidade Escolar Comunitária Codó Novo.

O referido, Livro Didático, Buriti mais História do 3º ano do Ensino Fundamental em sua totalidade reuni representações sociais na qual são construídas devido à vivência histórica de cada indivíduo, seja professor, aluno e comunidade. Agregando a vida em comunidade, desde a evolução do homem a seu conhecimento histórico.

Sendo essas representações históricas, que o livro vem a desenvolver no aluno, o senso questionador. Pois o mesmo em seus primeiros capítulos questiona o aluno sobre o que é História. Visto que os alunos sincronizados com os saberes prontos, postos no Livro concluem que a história por si é construída ao longo da humanidade, que á integra desde a cultura ao social.

De acordo com a análise Histórica do livro, é perceptível que as transformações apresentadas no LD são descritas em poucas folhas como sendo uma história de mundo estático. Escolhidos pela autora como sendo o necessário para uma reflexão critica do aluno acerca da construção da humanidade. Como bem coloca

“O Livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado”. (BITTENCOURT, 1997, p. 71).

Todo livro sofre interferência do estado, permitindo ou não, identificar os sujeitos agentes das ações sociais. Interferência fáceis de identificar nas ilustrações, lugares, pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, os LD são um repositório de conteúdo, sendo um suporte eleito pelas propostas Curriculares.

No entanto, o livro analisado em cada unidade trás propostas capazes de envolver os alunos nas ações e espaços históricos. Por tantas vezes, só serão possíveis com a ajuda dos docentes com suas práticas, contempla a realidade dos alunos.

Por vez, o livro Buriti mais história do 3º ano, contempla as orientações dos PCN de História, onde é identificável o trabalho com temas transversais como, formação cidadã, meio ambientes, saúde, educação financeira e traz abordagem sobre a pluralidade cultural, onde esses temas devem ser fundamentados junto com a prática docente. Podemos aliar a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), ao ensino de História no que se refere à flexibilização no que ensinar, pois a proposta é, unir o passado com o presente, onde os alunos poderão ser críticos com os acontecimentos e experiências humanas.

Os dois documentos aliado a questão da construção dos sujeitos, onde o ensino era pautado somente nos acontecimentos do passado, agora o docente planeja sua aula traçando os fatos e acontecimentos históricos com a realidade do aluno, ou seja, oferecer aos alunos a noção de tempo e espaço para que os alunos sejam capazes de conhecer fatos históricos em diferentes matérias como revistas, jornais, meio de comunicação e dessa forma seguir as orientações dos PCN.

[...] é a de que as questões atuais devem servir para sensibilizar os alunos para o estudo do passado, de modo que, estudando “*outras realidades temporais e especiais*”, eles possam “*dimensionar a sua inserção e adesão a grupos sociais diversificados*”. (BITTENCOURT, 2008, p. 214)

É importante salientar, que para o aluno entender o passado e assim vivenciar vários momentos Históricos é preciso que ele entenda que dentro da história acontece vários momentos de ruptura que afetam as relações sócias de hoje. Como o que estamos tentando entender neste capítulo.

O Livro em questão é um instrumento de reprodução ideológica, afinal trás texto e contexto resumidos com temas não instigantes, como o Índio, os Portugues, os Africanos. Dessa forma, o Livro com sua complexidade é um importante aliado do professor, pois traz muitas situações problemas na qual envolve o aluno. Mas vai depender do professor, quanto a seus textos e atividades que envolvem questões, educação ambiental, cidadania, mais a uma lacuna quanto a questões relacionadas aos indígenas, afro-brasileira e outros temas.

O LD relata em algumas páginas a questão da diversidade étnica – racial, visto que o Livro Buriti mais História é destinado a crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, no entanto aborda com ênfase a época da escravidão, Resistencia indígena, o trabalho na lavoura feita por africanos escravizados. Não trazendo nenhuma forma de reflexão por parte dos alunos de como o racismo se manifesta e formas de combatê-los na sociedade de hoje.

Por isso, a necessidade de uma posição do professor frente às práticas pedagógicas e as imposições colocadas no projeto político pedagógico da escola e do estado. Dessa forma.

Na maioria das vezes, a escolha do livro, e sua leitura na sala de aula é determinada também pelo professor. Os capítulos selecionados, os métodos de leitura em grupo ou individual, assim como as tarefas decorrentes da leitura, são opções exclusivas do professor, mesmo quando inseridas e limitadas por projeto pedagógico estipulado pela escola. (BITTENCOURT, 1997, p. 74).

Assim o professor com o seu jeito pesquisador tende a fazer uma junção entre Livro Didático, comunidade, pois são esses que ora valoriza e desvaloriza as diferenças culturais existentes em nossa sociedade. Dessa forma, o saber fazer do professor vai além da sala de aula, pois a formação exige que o professor vai além da técnica adquirida durante a formação.

Sabemos que os livros são um grande aliado dos professores, mas seu caráter é ideológico, por que em sua totalidade privilegia os grupos sociais tidos como dominantes, e essa é uma das causas que contribui para as desigualdades socioeconômicas do nosso país. Além disso, um dos maiores desafios é tentar entender do por que o Negro é representado sempre da mesma forma em posição de inferioridade, onde são caracterizados como dócil e submisso ao trabalho.

Esse processo de desqualificação, desvalorização da vida negra, como por exemplo, nas ilustrações e nos textos os negros não tem representação familiar, aparecem sempre trabalhando em condições inferiores aos brancos, nos textos não são lhe dados nomes, e são ilustrados como escravos. E com relação aos Livros Didáticos, notamos que até neles as pessoas negras são as mais discriminadas, sendo vítimas de uma sociedade intolerante. É evidente perceber nas imagens, que os negros escravos e os trabalhadores pobres não podiam ocupar os mesmos lugares de lazer que os brancos elitizados.

FIGURA 2- Batuque



A imagem a cima representa o local de lazer dos negros, onde se reuniam para cantar e dançar, pela paisagem é um local afastado da cidade. Com isso nos leva a entender que as representações da humanidade e sociedade são feitas unicamente pelo homem branco.

Apesar das mudanças nos LD, os negros ainda são minorias e sem prestígio no contexto social, fazendo com que a sociedade não os veja com direitos e deveres da época.



FIGURA 3- JEAN-BAPTISTE DEBRET: Um jantar brasileiro, 1827.

Mesmo com melhorias na sua elaboração, para que os alunos tenham uma visão mais ampla, com temas transversais, capaz de levar aos alunos a uma visão de mundo.

A criança negra ao ter acesso a este livro vai perceber que o negro é posto com uma aberração, ou seja, alguém que não é digno de respeito e muito menos de valores.

Ao presenciar isso nos LD no qual tem acesso e até mesmo vivência isso dentro e fora da escola. O aluno, a criança negra vai sentir dificuldades na sua formação identitária e acarretará na sua baixa autoestima, e isso é um dos problemas enfrentados por nossos alunos.

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial visibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto-rejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial. (SILVA. 2005, p. 25).

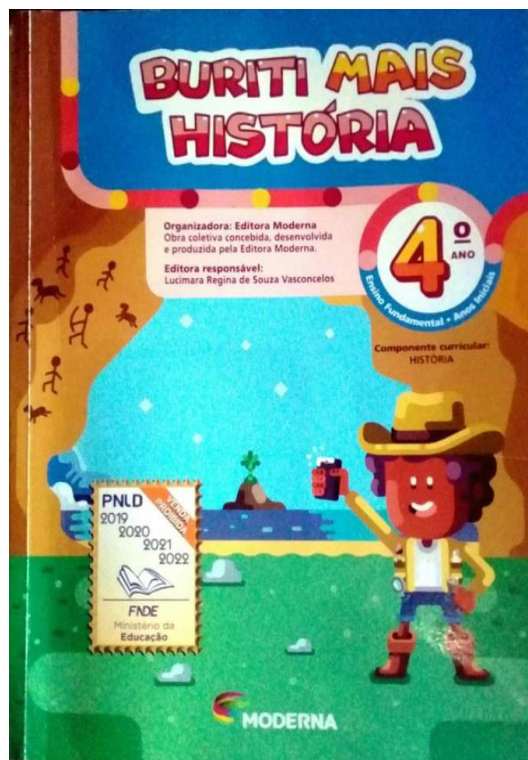
Essa representação que os Livros Didáticos nos apresentada, podem ocasionar ao meu aluno uma auto rejeição de se mesmo e do outro quanto à diferença com relação à cor da pele. Pois as referências, características do homem negro no passado, não é uma das melhores, e muito mesmo digno de tal censura. Essa invisibilidade pode ser corrigida aos pouco, se o docente desenvolver um trabalho frete a desconstrução de preconceitos e estereótipos, fazendo referência a “Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-político-econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas” (SILVA. 2005, p. 25).

O livro no qual nos referimos neste estudo, é um livro de conteúdos inovadores e com temas relevantes de debates, mais sente-se falta de uma posição frente a questão relacionada as novas postas curriculares. O livro analisado, “Buriti mais História” de Lucimara Regina de Sousa Vasconcelos, 1ª edição, ano de publicação 2017 São Paulo, encontrasse dividido em 4 (quatro) unidades e dentro de cada unidade 4 (capítulos). Traz propostas de atividades lúdicas respeitando a faixa etária de cada aluno estimulando a curiosidade e a compreensão do aluno respeitando o seu meio social.

Em descrever o livro, vimos a necessidade de um desenvolvimento de estudo onde a prática do professor exija um cenário capaz de dá oportunidade e igualdade a todos.

2.1 O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO “BURITI MAIS HISTÓRIA”: UMA ANÁLISE DO 4º ANO.

Figura 4 – Livro 4º ano.



O livro do 4º ano, não é diferente, visto que não adianta temas que provoca o bem social se continuam trabalhando os conteúdos tradicionais, não nos servi de nada temas como pluralidade cultural, saúde, meio ambiente se não conseguimos sistematizar o abordado em sala de aula, com a realidade do aluno. Pois temos em mão realidades diferentes, capaz de conduzir o cenário da educação que pelo menos no papel temos o objetivo de alcançar o foco principal da educação que é a promoção da cidadania

O livro traz noção de espaço e de tempo, onde o aluno será capaz de identificar o tempo cronologicamente, ou seja, vai entender a história de acordo com a linha do tempo, onde será capaz de organizar os acontecimentos históricos e perceber os fatos no decorrer do tempo, ou melhor, dizendo, perceberá o que aconteceu, anteriormente, simultaneamente e posteriormente de acordo com o que ocorreu. Para isso é necessário situar o momento histórico dando.

Uma importante intenção didática é a possibilitar ao estudante a reflexão sobre o presente pelo estudo do passado, para que possa desenvolver o esforço de dimensionar a vida hodierna em extensões de tempo. A sugestão dos PCN para a relação entre tempo passado e tempo presente é a de que as questões atuais devem servir para sensibilizar os alunos para o estudo do passado, de modo que, estudando *“outras realidades temporais e espaciais”*, eles possam *“dimensionar a sua inserção e adesão a grupos sociais diversificados”*. (BITTENCOURT, 2008, p. 214)

Neste sentido, é necessária a junção da escola enquanto instituição formadora e professores de modo a intervir e questionar os alunos a uma formação cidadã que almeja alcançar. Isso permitirá que o aluno problematizasse o passado, e assim da, “[...] a possibilidade de as crianças afrodescendentes construírem uma identidade positiva e as crianças de outras etnias conhecerem uma história com a qual, na maioria das vezes, não chegam a ter contato” (Gomes, Sousa 2010, p. 23).

Ao analisar o Livro Buriti mais História do 4º, é mais rico em detalhes, como os textos e imagens são provocativos instigantes, o bem uso vai depender da posição do professor em sua prática. O mesmo trabalha com temas transversais, onde conseguimos identifica-lo na página 90 e tem o símbolo da formação cidadã que trabalha com o tema de cotas. Que traz em seu texto explicações do sistema de cotas e o porquê foram criados.

Este tema é importante para o processo da construção identitária do aluno, no qual mesmo o aluno sabendo dessa exclusão social do negro, vai entender que os

africanos e seus descendentes tem direito a cidadania no Brasil como, por exemplo, com relação ao direito a cotas e que existe as ações afirmativas² que quer dizer, que você negro, índio que foram e são privados de seus direitos, resultado de uma desigualdade, seja ela, cultural, social, econômica tem ações de reparação independente do grupo social pertencente.

Á vista disso, no livro analisado, o que se ver em discussão é a religião, a economia, a cultura de um só povo, ou seja, a população branca. Tanto no livro em questão quanto a outros, o que vemos é a indiferença, um silenciamento da cultura negra. Enaltecendo o branco e sua cultura de aprisionamento de um povo, de uma cultura que tem muito a ensinar. Na qual contribuiu e tem a contribuir, para com o multiculturalismo está presente nos lares brasileiros.

Os livros explorados são destinados ao 3^a e 4^a ano do Ensino Fundamental, com objetivo de entender do por que os negros não são representados como deveriam sempre de forma excludente ou diluída da participação popular na História. Visto em poucas páginas, como obedientes, irracionais, passivos essas características lhe são dadas no passado e, tem grande influência na postura do aluno, frente às representações que são atribuídas, como meros expectadores. Por vez, essas ferramentas que foram utilizadas para esta análise, é um material que norteia os estudos de professores e alunos.

Sem deixar de destacar que se trata de um material simplificado, visto que alguns de seus temas são corriqueiros em livros que são ofertados nas instituições públicas e que deixa de lado à temática “história e cultura afro-brasileira” deveriam colaborar na construção do conhecimento de muitos alunos.

No referido capítulo 4, destaco temas que contribui para a diversidade cultural no Brasil, a unidade faz referência a “Diversidade de povos e costumes”, “Imigração e identidade”, “Preservação da diversidade cultural”, “Identidade cultural dos migrantes”, “Conhecendo a diversidade cultural do Brasil” entre outros. Ao destacar estes temas é dizer que a representatividade da cultura brasileira é formada

² O termo Ação Afirmativa refere-se a um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança. Em termos práticos, as ações afirmativas incentivam as organizações a agir positivamente a fim de favorecer pessoas de segmentos sociais discriminados a terem oportunidade de ascender a postos de comando. (OLIVEM, 2007, p. 30).

por povos, etnias e diversidade de cultura e tradições. E isso tudo se deu devido ao processo de migração de pessoas e culturas.

É possível romper com o preconceito racial, quando você se abre a conhecer ao outro, seja por meios do rádio, cinema, revistas, diferentes livros, os centros históricos, todos esses meios e outros mais, nos permitem conhecer a diversidade cultural brasileira de várias formas. Hoje em dia os meios de comunicação, possibilitar o contato com diferentes culturas.

Possibilitando o contato de forma indireta para aqueles alunos que não tem acesso a internet, conhecer, hábitos, costumes por meio dos espaços culturais, e até mesmo por meio do convívio com o outro, pois isso viabiliza romper com muitos preconceitos. Uma vez que, conhecer a sua própria história significa preservar suas tradições, dando o direito a construir sua própria identidade.

Apesar de que na legislação federal prever a obrigatoriedade do Ensino da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, é evidente que isso não perpassa o papel, nem mesmo os livros disponíveis nas escolas abordam este tema em suas unidades e capítulos. Visto que, nos Livros Didáticos que usamos nas escolas ainda a uma predominância de que a história da humanidade é contada, relatada com uma visão de mundo.

É evidente que para alguns docentes os livros são tidos como os únicos recursos construtores de sua prática educacional, para outros não. São alternativas de escolha própria do docente. Hora eles são o centro na sala de aula, horas são os culpados pela deficiência na educação. Vejamos que, os textos, imagens que são colocadas nos livros seja eles de História ou outro qualquer, nos faz criar imagens do outro de forma preconceituosa, pois o que é pregado nos livros é sempre vitimismo a respeito do outro. Em razão disso a Desigualdade no Brasil tem cor, pois até aqui o que vimos, foi que o nosso país, estar longe de ser uma democracia racial. Mesmo com as mudanças nas Leis, com a evolução do livro didático, mudanças no currículo. A desvantagem sempre sobre cai sobre a população preta ou mestiça.

Posto que, o Brasil foi último a abolir o fim da escravidão e tomou pra si só, a herança Europeia. O livro didático não mostra se o negro teve uma inserção na sociedade, pós-abolição. Ou até mesmo políticas públicas de valorização, dando importância para aqueles que fora, e são excluídos da sociedade.

As análises do livro destinado ao 3º e 4º ano do ensino fundamental, pode-se ver falhas nas obras, com relação à história e a cultura afro brasileira, pois há

pouco ou nenhum destaque no papel do negro africano, afrodescendente na sociedade e muitos menos na história. Sabemos que não há influência das raízes africanas em nossos livros, mas podemos contar com o dia da Consciência Negra que comemoramos no dia 20 de novembro. Visto que é uma data importante de celebrar a diversidade, para isso será de extrema importância contar aos nossos alunos das nossas raízes, levantando debates para o combate ao racismo, com isso a conscientização a respeito da pluralidade e respeito a convivência humana.

Mesmo que não temos estes temas que discutimos no decorrer deste capítulo, podemos trabalhar com a interdisciplinaridade com projetos, debates, focados na desigualdade racial com relação ao negro, contribuindo com o fortalecimento da sua autoestima e assim aberto ao diálogo ou até mesmo.

Aprender a posicionar-se de forma que compreenda a relatividade de opiniões, preferências, gostos, escolhas, é aprender o respeito ao outro. Ensinar suas próprias práticas, histórias, gestos, tradições, é fazer-se respeitar ao dar-se a conhecer. Esse respeito não é incompatível com o respeito às normas institucionais embora possa, às vezes, exigir flexibilidade em sua aplicação (por exemplo, os feriados religiosos, os horários de serviço do adolescente trabalhador). (PCN. P.138)

Este tipo de posicionamento exige um conjunto de práticas do professor, em conjunto com o que traz os livros que ambos podem propiciar o trabalho individual e coletivo que ofereça ao aluno um espaço confiável, na qual será relevante para a “a contribuição da Pluralidade Cultural irá na direção do entendimento da construção de identidade e da história, pelo conhecimento das diferentes comunidades e grupos humanos que formam o Brasil em suas próprias identidades e histórias”. (PCN, ANO, p. 140)

Por isso, é que buscamos enfatizar a problemática dos Livros Didáticos com relação à apresentação do negro nos LD, que persiste na proliferação e alimenta o preconceito racial, nos textos, imagens, ilustrações que vem sendo naturalizado, em forma de aprendizado.

A amplitude dessa discursão, nos levar a compreender que para possível resolução deste problema pode ser árdua, mas não impossível. Por este, e outros motivos que este capítulo busca entender, como a discriminação racial se apresenta nos livros didáticos e por que os mesmos não apresentam o negro como ele é, e suas contribuições na sociedade.

A forma como nos foi apresentada, ou seja, para minha geração, nos dá entender que é uma coisa muito distante, mas a repressão por ser negro, africano, descendente de escravo nessa sociedade ainda é motivo banal para a interiorização das raças e não é oportuno dizer que “Num contexto social, em que as diferenças raciais significam desigualdade de oportunidades (SANTOS, 2001) “ao silenciar, a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo”³, isso para os negros. Tratar a Discriminação Racial no ambiente escolar, com escolhas de livro Didáticos que discutem as diferenças nas entrelinhas, dá suporte ao aluno, a crianças negra a fortalecer os laços e acabar com o problema, que não é das crianças negras, mas sim, de quem discrimina.

3. Procedimentos Metodológicos

Deste modo, o questionário foi à técnica utilizada para a coleta de dados desse estudo, onde foi aplicado para mensurar o grau de conhecimento dos docentes sobre o tema em questão e suas contribuições, com relação a suas práticas docentes. Onde o questionário é considerado uma importante ferramenta que conduz este estudo e que traduz a visão dos docentes, frente suas práticas pedagógicas. Em que foi direcionado a professores do Ensino Fundamental, que tem como objetivo investigar as práticas docentes para com a construção da identidade e sua influência para com a Discriminação Racial, na Unidade Escolar Comunidade Codó Novo.

Após a realização dos questionários foram feitas leituras, para poder compreender/interpretar as respostas dos docentes, levando em consideração o contexto social na qual eles atuam.

3.1 Análise dos dados

O questionário foi direcionado a dissésseis (16) docentes, via grupo de WhatsApp, devido que as aulas foram suspensas por causa da pandemia (covid 19), o fechamento das escolas foi necessário devido que o vírus de fácil propagação e que isso é uma das medidas para se evitar a transmissão. Essa foi uma decisão tomada pelos órgãos Federais, Municipais e Estaduais. Por motivo de segurança, usamos o

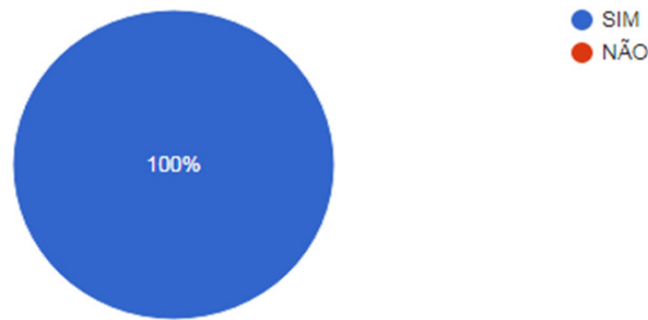
³ CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

questionário que funciona com o google drive, sendo possível criar pesquisas e tudo online, onde você recebe o feedback em escala em tempo real.

Após o envio do questionário obtivemos retorno de $\frac{1}{4}$, dos docentes que retornaram, e $\frac{3}{4}$ dos professores que não responderam e não obtivemos retorno, isso não significa que esses professores não dão a devida importância ao tema, mas sim, a dificuldade de implantar as propostas trazidas pela lei 10.639/03, percebido em algumas discursões a falta de preparo dos docentes e até mesmo a resistência por parte de algumas instituições escolares.

Antes de iniciar o questionário, as professoras teriam que preencher as seguintes informações, referente à cor/raça; sexo; formação; qual sua área de atuação. Para que assim, pudéssemos obter algumas características das docentes que participaram desse estudo. A autodeclaração é a peça fundamental para que tivéssemos uma noção de fato como os professores se autodeclaram. Estas informações são importantes para mostrar as pessoas e até mesmo aos alunos que seus professores, aqueles que eles se identificam, se aceitam. Servindo como incentivo para os alunos se aceitarem, assim é possível, que veem seus traços como algo natural e os qualifica e diferencia das outras etnias.

Na primeira pergunta os professores são questionados, se de acordo com sua formação, a cultura negra precisa ser estudada se, sim ou não, por quê? Esta pergunta foi feita de acordo com o estudo de História e Cultura Afro-brasileira que tem a obrigatoriedade nas escolas públicas e privadas, pois falar, estudar a cultura negra é buscar o reconhecimento de homens e mulheres que há milhares de anos são vítimas de Preconceito e Discriminação Racial. E isso precisa de uma atenção maior, sendo que buscamos o reconhecimento por parte de nossos alunos, sobre sua cultura, trajetória, costumes e por fim sua hierarquização racial.



Fonte: Dados da pesquisa

Verifica-se assim, que das quatro professoras que responderam, elas afirmam que a cultura negra precisa ser estudada, levando em consideração a suas justificativas é possível perceber que estas professoras sabem da importância desse estudo e que somos detentores de direitos e que são fundamentais, vejamos, a professora Sônia coloca que, sim, porque a cultura negra está sendo cada vez mais objeto de estudo e há muitas questões a serem esclarecidas. Já o docente Maria José, diz que só assim a sociedade vai conhecer a importância, que essa cultura tem. A professora Edna justifica que é uma cultura da qual o contexto brasileiro é formado, por uma cultura riquíssima e que devemos expandir nossos conhecimentos sobre a cultura negra. A professora Marina, acrescenta que é importante valorizar a miscigenação da nossa nação e dentre outros aspectos.

As justificativas dos docentes são plausíveis, pois enfatiza que sim, a cultura negra tem que ser estudada, pois o país que vivemos é constituído de uma mentira crucial, mascarada de uma democracia racial, pois o que nos levar a questionamentos se o Brasil não é um país racista, porque há uma classificação das classes. E afinal o que é cultura? “[...], cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (DOS SANTOS, 2017. p, 7). Ou seja, é uma forma de agrupamento de costumes, tradições, culturas e que neste estudo queremos que, “o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas”. (DOS SANTOS, 2017, p. 8)

A segunda pergunta, está relacionada com o currículo, que tem o seguinte questionamento, se o currículo ao ser elaborado deve apresentar as contribuições da cultura negra e sua diversidade ou apenas as contribuições dos europeus, todos os

professores que se propuseram a responder, afirmam que ambas as culturas devem ser estudadas independentemente da classe social. A professora Sônia coloca que, com certeza devemos estudar e apresentar as contribuições e suas diversidades da cultura negra. A professora Maria José, é mais breve em sua resposta, expôs que, todo fazer humano é cultura, ambos são fundamentais à educação. A docente Edna preferiu que o currículo deve sim, apresentar as contribuições da cultura negra e sua diversidade. Marina foi mais breve ainda, escrevendo que pode e deve ser incluído na nossa história.

A percepção dessas professoras nos encoraja dizer, que o conhecimento histórico e não dados ponto e acabado. Pois o currículo ao ser elaborado deve visar às problemáticas recorrentes ao cotidiano, pois todo e qualquer ensino precisa tem um fio que conduz/direciona ao encontro do currículo, principalmente quando envolve de forma direta a sociedade. Pois o que se deve visar em um currículo, não é só o que ensinar e sim, como ensinar.

Principalmente com relação ao currículo de história que tem a obrigatoriedade, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira que até agora é um tabu, dentro das escolas. Em razão de que não há um estudo para que esses docentes possam se sentir preparados para trabalharem essas temáticas dentro das instituições, que tem característica multicultural, ou seja, é uma escolar onde é composta por várias culturas.

Estudar a cultura negra, não quer dizer que vai cicatrizar as feridas, e sim um pouco de reconhecimento, procurando combater as desigualdades sociais que norteia o currículo escolar. Criadas pelas minorias, que vem sendo cultivada há anos, em prol de uma universalização negando as diferenças presentes na cultura negra.

No entanto, de acordo com as autoras.

A escassez de abordagens de conteúdos curriculares que valorizem a existência dos afrodescendentes como cidadãos brasileiros e o despreparo das escolas para tratar desses assuntos. Esse fato contribui para o preconceito racial e para o racismo; reflete-se na formação da identidade, provocando baixa auto-estima e problemas escolares como evasão e repetência escolar, afetando a formação educacional da sociedade brasileira e de modo particular, a vida da população afrodescendente. (GOMES; SOUSA, 2010, p. 21)

Por isso tudo, é que o currículo, junto com a instituição e docentes devem buscar novas estratégias, que visa à aplicação de novas metodologias que necessita a escola, dando suporte ao trabalho dos professores, sendo possível aliar à prática do docente a realidade do alunado. Pois o que visamos aqui, junto com as respostas acima das docentes, com relação ao currículo é a conscientização de crianças, jovens, adultos, seja ele brancos ou negros a extinção/exclusão das desigualdades envolvendo a cultura negra e sua diversidade.

A intenção é entender, como os docentes, apresentam a seus alunos, os personagens negros que contempla os livros didáticos de História, pois os mesmos é uma ferramenta que dispõe de conceitos, conteúdos que se apodera de uma ideologia. Sendo assim, com relação a isso, como você docente apresenta os personagens negros, a seus alunos? Apenas em datas comemorativas; como instrumento da prática pedagógica ou quando acontece alguma prática discriminatória entre alunos. Essa pergunta é uma das mais instigantes, logo, vivemos em uma sociedade que de diferentes formas manifesta e silencia a Discriminação. E nos livros Didáticos não é diferente, pois se concretiza a naturalização da prática discriminatória, a respeito dos personagens negros.

No entanto, se o docente é consciente e sensível, apesar de sua formação, consegue superar os problemas com muita persistência e força de vontade, fazendo de cada dia de trabalho um aprendizado constante, que necessita de avaliação contínua, em busca de uma prática pedagógica mais eficaz juntamente com a comunidade escolar. (GOMES; SOUSA, 2010, p. 24)

Essa discussão, não precisa estar descritas nos Livros Didáticos ou no calendário escolar, mais um bom professor que visa o bom funcionamento da sua sala de aula, tem em mãos o seu currículo oculto, pois o mesmo tem consciência da defasagem dessa temática nos Livros Didáticos se prepara/planeja para eventual problemática. Como exemplo disso, temos algumas posturas de professoras com relação a essa discussão.

- Sônia

“Apresento os personagens negros a meus alunos quando há prática discriminatória entre eles”.

- Maria José relata:

“não, sempre converso com meus alunos da importância de respeitarmos as pessoas independente de cor ou raça.”

- Edna:

“sempre procuro mostrar a importância da cultura negra em nosso processo ensino aprendizagem”.

- Marina

“ministro essa temática de acordo com o plano de ensino, planos bimestrais ou rotinas semanais”.

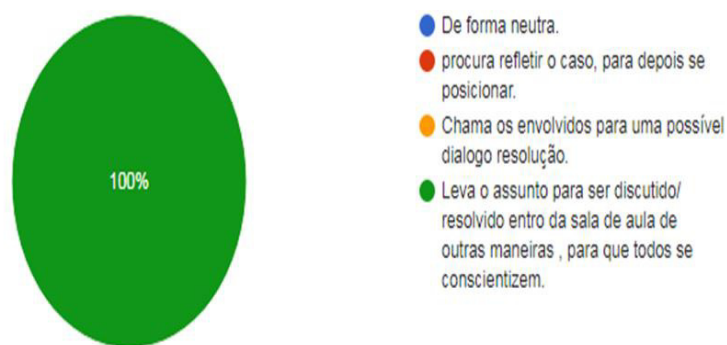
Temos opiniões distintas, e aceitáveis, pois todas essas respostas refletem a vivência em sala de aula, que a falta ou a escassez desses personagens negros foi notada nas análises dos dois livros utilizados na escola que essas professoras lecionam, e outros mais livros que por instante tivemos em mãos.

Por que isso acontece, se estamos em um país onde 50,7% da população já se autodeclara negra, (censo 2010), e esse questionamento foi feito às professoras. Como os docentes apresentam a seus alunos, os personagens negros apenas em datas comemorativas ou como instrumento da prática pedagógica ou quando acontece alguma prática discriminatória entre alunos?

Independentemente da qual resposta dariam, ambas são necessárias, para que assim, as instituições desmistifiquem a homogeneização, pois segundo Gomes; Sousa (2010) que “as instituições de ensino, ao longo dos tempos, tiveram ou têm como principal objetivo a universalização e a homogeneização, negando as diferenças intrínsecas dos sujeitos e as relações de poder e dominação presentes nas relações sociais”. Esta realidade se baseia ou tem como centro os valores e crenças que são sobrepostas às outras. Será mesmo se isso é necessidade, por que o outro não pode ser visto como patrocinador dessa história que ele mesmo é o protagonista. Por que se esconde até os dias de hoje os que aqui já estavam. Não os cabe o direito de decidir quem deve ou não aparecer, só por que os relatos que ouviram vieram de um europeu.

E quando se presencia alguma situação de Desigualdade, como os docentes se posicionam, cem por cento (100%) das professoras, preferem levar o assunto para ser discutido dentro da sala de aula, para que todos se conscientizem. Sendo que as experiências adquiridas em sala de aula, refletem de forma determinante na aplicação de novas técnicas, práticas, metodologia que os docentes iram introduzi-las, seja para valorizar ou desvalorizar o posicionamento negativo ou

positivo que a escola determina quanto a situações de Desigualdade. Temos e devemos ter posicionamentos diferentes em sala de aula, mas o que determina é o que fazer e como fazer se vão ou não prejudicar ou beneficiar um ou outro. Nenhuma das alternativas escolhidas pelas docentes estariam erradas, e sim a forma como aplica-las, pois ao nos depararmos com tal questionamento, nos leva a pensar, que tipo de professor sou eu, que prática docente deve desenvolver. Porque nenhum professor é neutro demais ou questionador de menos. O gráfico a baixo nos mostra isso.



Fonte: Dados da pesquisa

É notado com isso, que com a prática pedagógica e o posicionamento do bom professor vai sim contribuir de forma direta no combate.

As desigualdades sociais e étnicas geradas pela discriminação das minorias sociais, pois ela é e pode ser um processo de cultivo ou de cultura, pode ser sempre algo em permanente mudança e reconstrução, exigindo, por conseguinte, sempre novas descrições, novas análises e novos tratamentos, sem características organizacionais para a finalidade seletiva e sem menosprezo às diferenças individuais para eliminar os considerados “incapazes”, “reprovados”, “repetentes” ou “excluídos”. (GOMES; SOUSA, 2010, p, 21).

Pelo descrito acima, que se lutou e lutamos para a concretização da aplicação da Lei nº 10.639/2003, que visa o desenvolvimento da diversidade dentro das escolas públicas e privadas do país. Podemos dizer que antes da aprovação da Lei travávamos uma luta no escuro, tendo como arma o movimento negro que tem como objetivo segundo, Gomes; Sousa (2010) a “conscientização de brancos e

afrodescendentes, como para a superação de desigualdades sociais que mais vitimizam crianças e jovens afrodescendentes”.

Diante disso, segundo Gomes; Sousa (2010, p. 22).

Luta pela mobilização por uma escola inclusiva, acessível e acolhedora do afrodescendente em distintos níveis de ensino e pela reforma curricular mais relacionada com a história da África e do povo afrodescendente, insistindo na qualidade com formação cidadã. Foi através dessa luta do Movimento Negro que foi promulgada a Lei 10.639/2003.

É certo enfatizar que é e será um desafio aos docentes incluir no ensino a História e Cultura Afro-brasileira nos conteúdos, pois alguns alegam que não tem ou não receberam formação para se trabalhar com a nova temática, e outros não se sentem preparados.

Reconhece-las não significa provocar um separatismo, do que foram acusados por décadas os Movimentos Negros, como se o racismo começasse a existir apenas quando nominado. Significa sair da “monocromia”, desvencilhar-se do “daltonismo crônico”, que impede a percepção de beleza de todas as cores, a riqueza da diversidade. (DOS SANTOS, 2001, p.111).

A citação acima nos leva a dizer, que somos um país que dá passos curtos em combater a Discriminação Racial. Visto que, será encarado de frete o preconceito racial, disfarçado/ naturalizado dentro dos livros, revistas e tv em todas as classes sociais. Sendo que uma das saídas é a prática docente, para se alcançar a desnaturalização da Discriminação entre alunos.

Sabemos que a educação é feita em conjunto, de forma democrática, por isso foi direcionado aos professores, de que forma a equipe escolar (diretor, professor, zelador, vigia, supervisor) buscam trabalhar no ambiente escolar, questões que buscam fortalecer o respeito à diversidade étnico racial entre alunos. Das quatro docentes, uma respondeu que, sim, as demais justificaram que, tratamos todos os alunos com total igualdade, sem indiferença. Por meio de conversas informais, palestra, Leitura de paradidático acrescenta Maria José. Proferiu a professora Mariana, de várias formas, dentre elas: palestras, projetos, conversa informal individual, em grupo ou coletiva, na acolhida diária.

A respeito das opiniões.

Podem ser definidas como um conjunto de normas, que definem saberes a ensinar e condutas a incorporar, e um conjunto de práticas que permitem a

transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, e que não podem ser analisadas sem que se leve em conta o corpo docente e o corpo discente. O papel dos docentes é, portanto, muito importante porque são os principais responsáveis pela operacionalização da ação pedagógica. GOMES; SOUSA, (2019, p. 26).

O fazer pedagógico, feito de forma conjunta como menciona a pergunta que norteia este ponto dessa discursão requer entender como a escola como todo, trabalha as questões étnico racial entre alunos, que fomente práticas discriminatórias, ou seja, estimule os alunos a procurar novas maneiras de se auto conhecer e conhecer ao outro. Pois a escola é um rico espaço de manifestação cultural e deve e pode potencializar o combate ao Preconceito e a Discriminação racial na comunidade escolar. Uma vez que, o respeito à diversidade étnico racial entre alunos, não se promove só por meio de conteúdos, mas ir ao encontro de novas ideias, incluindo o mencionado nas respostas das docentes, projetos, leituras, palestras, formas de conscientização e respeito ao outro. Essas são algumas estratégias para refletirmos sobre como os docentes podem e devem atuar.

A ausência se não discutir as diversidades enfraquece o processo de formação identitária principalmente para os alunos afrodescendentes, causando-lhes o enfraquecimento do rendimento escolar e privando-lhe de conhecer sua própria história.

Sendo que a escola como todo vem omitindo o estudo de outras culturas, sendo que a escola deve ser um local de fortalecimento da identidade pluricultura dos alunos, visto que.

Precisamos, pois, propiciar, por meio do ensino em todos os níveis, o conhecimento de nossa diversidade cultural e pluralidade étnica, bem como a necessária informação sobre os bens culturais de nosso rico e multifacetado patrimônio histórico. Só assim estaremos contribuindo para a construção de uma escola plural e cidadã e formando cidadãos brasileiros cômicos de seu papel como sujeitos históricos e como agentes de transformação social. (FERNANDES. 2005, p. 386).

Como neste estudo, estamos nos referindo ao ensino de História, tem um grande desafio o de priorizar, juntamente com os docentes, colocar em primeiro lugar, a formação de conceito para silenciar toda e qualquer forma de preconceito, para que assim os alunos construam sua própria identidade. Almejando alcançar uma instituição. Fernandes (2005, p. 386) “onde as diferenças raciais e culturais não se

constituam em motivo de discriminação social, mas sim em instrumento possibilitador da construção de uma nova identidade nacional, assentada no pluralismo cultural”.

Segundo as análises feitas em livros didáticos que são destinadas as escolas públicas, notamos que de forma direta e indireta os livros, são produzidos para naturalizar a prática discriminatória. Visto isso, foi questionado aos docentes, segundo os livros didáticos usados por elas na escola ou não. Se com relação aos Livros Didáticos, você o considera como um influenciador para uma prática discriminatória. Obtemos respostas curtas e breves como, não; alguns sim; os livros didáticos sempre mostram um lado discriminatório, nós professores precisamos mostrar os valores e conhecimentos da cultura negra.

Isso porque queremos entender de tipo de educação os alunos estão recebendo, isso porque até aqui o que estudamos trata-se de uma História voltada plenamente as classes dominantes/eurocêntrica.

O que reforça esta ideia é o fato de se procurar oferecer aos estudantes uma história elaborada a partir de fatos fragmentados que impedem a compreensão de processos como um todo, visando escamotear a dominação da classe existente. Uma história que omite o conflito entre as classes, não dando importância ao papel que o indivíduo ocupa no processo de produção. (PASTRO; CONTEIRO, 2002, p. 60).

O citado acima e as respostas dos docentes, se cruzam no passado e no presente, em histórias, conteúdos passivos. Em nossos estudos no ensino fundamental encontramos nos Livros Didáticos um estudo desconstruído, sem conexão com a nossa história. Assim podemos afirmar, que isso gera o desinteresse dos alunos, e essa falta de comprometimento dos Livros Didáticos com a História mostra o interesse da classe dominante.

O livro didático é o material que propõe a uma ação educativa, cujo conteúdo é pensado e elaborado tendo em vista as concepções e os valores que o produtor, no caso do autor e a escola consideram desejáveis para sua clientela. (PASTRO; CONTIERO, 2002, p. 62).

Até aí tudo bem, o problema é a ideologia, doutrinas que esses livros reproduzem, ou seja, as pessoas que os produzem pertencem a determinados grupos sócias que tem grande influência nas ações políticas e sócias. Prejudicando no fazer pedagógico de qualidade que tem em vista potencializar a autoestima do educando,

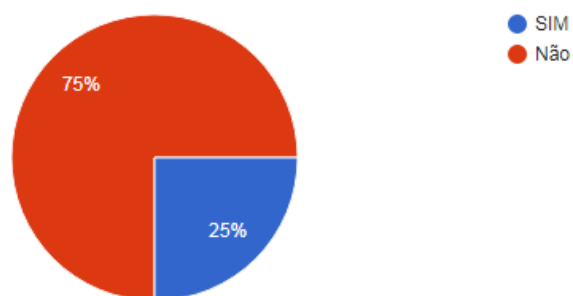
e o professor por se só não conseguiu mudar a realidade social desse aluno e os livros não somam, trazendo essa ideologia impregnada em suas páginas.

A preocupação aqui é, se os Livros Didáticos devem influencia o alunado a uma prática Discriminatória, até aqui vimos que sim, mas como acabar com isso, se os Livros continuam sendo escritos dessa maneira, vulgarizando uns e enaltecendo outros. Como descaracterizar isso. Se a educação, escola, comunidade atravessa uma fase crítica desde o início da História e se perpetua até os dias atuais.

Porque que o único personagem negro na História Zumbi dos palmares, os outros não tem nome, sobrenome, família, não pertencem a nenhuma arvore genealógica e muito menos pertencem a uma comunidade.

Assim podemos enfatizar que estes livros não ajudam a acabar com a desconstrução da Prática Discriminatória, com relação a “FRANCISCO” conhecido por todos como “ZUMBI” o que sabemos dele é, que ele foi escravo, que fugia das senzalas, das fazendas. Por que não os descrevem como guerreiro, líder quilombola e que foi e é um dos grandes representantes da resistência negra. Ais sim poderiam enfatizar, que a centralidade na educação, escritas nos Livros Didáticos eram voltadas a todas as classes, estimulando assim uma identidade negra positiva.

É importante enfatizar, que algumas vezes não nos damos conta que estamos sendo preconceituosos ou até mesmo o naturalizando, tendo esse entendimento, que, buscamos esse reconhecimento por parte de nossos professores, sendo eles a peça chave, para se chegar ao alunado, por isso direciona-se aos docentes, você considera que em algumas vezes, você nega a existência do Racismo entre alunos. Tivemos professoras que responderam “sim”. Isso equivale a 75% dos entrevistados e 25%, afirmam que “não”.



Fonte: Dados da pesquisa

Tendo como argumentos, a professora Sônia diz que sempre conversamos sobre o racismo, preconceito, mas às vezes têm crianças que crítica o coleguinha por ser negro (a). Já a docente Maria José, porque sou muito flexiva em se tratar desse assunto. Professora Edna defende que é uma questão muito delicada e precisa argumentos bem claros. E a professora Mariana enfatiza, que são coisas que se deve discutir na sala de aula.

Com os resultados obtidos, não sabemos se serviram pra amenizar os conflitos entre alunos, ou para esconder o real significado da democracia racial. Visto que, estudar a pluralidade cultural tem grande importância para se discutir as práticas racistas que resulta na exclusão de nossos alunos. No âmbito educacional tivemos ganhos com ações afirmativas na Conferência de Durban que segundo Gomes; Sousa.

Apresentou propostas e assumiu o compromisso internacional de implementar medidas de ações afirmativas, para combater o racismo e as desigualdades no País. Essa postura foi tomada em decorrência das pressões e reivindicações do Movimento Negro, que, há décadas, luta por medidas de combate às desigualdades raciais, particularmente na área da Educação. (GOMES; SOUSA, 2010, p. 55).

Tal discursão não quer dizer que as diferenças ficaram para trás ou as relações sociais discriminatórias deixaram de existir e que o racismo impregnado na sociedade não passa de discursões para se melhorar o convívio no ambiente escolar deixando rastros na sociedade brasileira. Pressupomos que não negamos o racismo entre alunos, porque não discutir a temática na esperança de valorização das diferenças.

Nós docentes somos a ponte, que conduz o alunado, e temos muitos desafios dentro da sala de aula, que influencia na vida do meu aluno na sociedade, por isso, tendo como desafio, a pergunta “O que você docente poderia fazer para mudar essa realidade?” pergunta subjetiva a prática discriminatória. Temos respostas claras e importantes do ponto de vista das professoras, vivenciadas em sala de aula.

- Sônia:

“conversar sempre com as crianças sobre esse assunto”.

- Maria José

“para mudar essa realidade preconceituosa, vai continuar meu trabalho com flexibilidade”.

- Edna tem em mente que

“Essa realidade, em minha opinião dificilmente poderemos mudar, pois é uma realidade histórica”.

- Mariana entende que,

“Primeiro que esse assunto deveria ser discutido, entre os pais. Sempre esclarecendo que o colega que tem a cor diferente da dele não o faz dele ser melhor do que o outro, que são pessoas iguais”.

Analisar a desconstrução do racismo, preconceito não é tarefa fácil para o educando, pois essa reflexão deve perpassar as práticas educacionais e os muros das escolas. Visto que tal desconstrução só será eficaz se o professor se propuser a novos conhecimentos levando-o a uma fundamentação teórica, que o tire de sua área de conforto.

Levando em conta as respostas das docentes, podemos dizer, que para mudar essa realidade elas teriam e tem, assim percebemos em suas justificativas que a possível resolução é um problema, pois não se trata apenas do querer do professor envolve também o saber fazer familiar, pois o racismo fomenta a exclusão social.

Percebe-se que o interesse em discutir resoluções não reflete apenas ao professor, mas a instituição formadora também, já que é uma importante ferramenta, durante muito tempo se manteve neutra, e ter sido construída perante o eurocentrismo.

Afinal, o que se pode fazer para mudar essa realidade, podemos dizer teríamos que detectar a práxis do aluno que ocasionou o racismo. Tal prática tem que acabar com o uso de frases racistas como, preguiçoso, neguinho, pretinho, tição, negão, crioulo, macaco, urubu, café, chocolate etc. Estas são frases que permeiam o ambiente educacional, que não saem apenas da boca de alunos. Por isso é que temos que deixar de preconceituar ou pré-julgar aluno como incapaz, esse seria o primeiro ponto, que levaria a mudança, outro ponto seria a abordagem de temas, que possibilita o conhecer e valorizar a pluralidade cultural usando as existências na própria escolar, sem deixar que isso seja desfeito ao aluno adentrar o ambiente familiar.

Visando metodologias diversas, e mudanças com relação a este tema, procuramos entender o papel do professor e, que tipo de ferramenta você docente

utiliza em suas práticas docentes? Para trabalhar a relação étnica racial como os alunos.

Pois temos a necessidade de trabalhar saberes, que venham concretizar o respeito em todo o meio social em que vivemos, os métodos, ferramentas que os professores propuseram, sendo feitas e bem executadas, vão contribuir para com a valorização da cultura, dos saberes e por fim, a valorização da vida. Por vez que as escolas agrupam vários grupos sociais e essa é a grande divergência encontrada dentro das instituições.

Bem como.

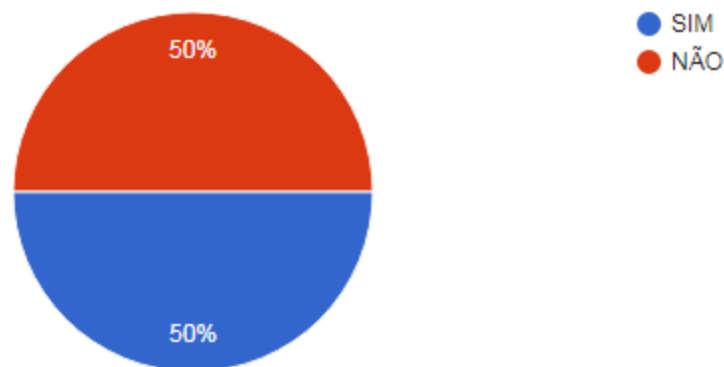
O ensino de história, ao priorizar a construção da identidade nacional, tem sido bastante omissivo no tocante à valorização das culturas das minorias étnicas. Constatamos, também, que a falta de conhecimento das peculiaridades e das especificidades regionais, em um país de continentais dimensões, bem como dos elementos referenciais das culturas silenciadas de índios, negros e imigrantes nos currículos escolares têm contribuído para a formação de preconceitos e estereótipos por parte dos próprios brasileiros. Isso em nada contribui para a construção de uma sociedade democrática que todos almejamos, onde as diferenças raciais e culturais não se constituam em motivo de discriminação social, mas sim em instrumento possibilitador da construção de uma nova identidade nacional, assentada no pluralismo cultural. (FERNANDES, 2005, p. 386)

Para isso, os professores precisam mostrar aos seus alunos outras culturas em prol do reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira, temos algumas estratégias/ferramentas para se trabalhar as relações étnicas racial com os alunos, dessa forma, pretende-se pelos docentes fortalecer, valorizar a diversidade étnica racial por meio de conversas informais, leitura de paradidático, textos, músicas, histórias, dramatizações, e entre outros. E também usando revistas e mostrando a realidade do nosso dia a dia no âmbito da sociedade.

Além disso, usando as diferenças, mostrando nem todas as pessoas tem cores iguais, cabelos e olhos diferentes. Por meio das práticas docentes já adotadas pelas professoras, que buscou-se problematizar essas questões no contexto escolar, consideramos que com essas práticas possamos ter atitudes ante racista. Sem deixar de mencionar a Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que torna oficial em todo o currículo escolar a temática História e Cultura Afro-brasileira. Partindo do pressuposto que as práticas docentes descritas acima por elas contribuam de forma direta, contra qualquer forma racista.

O ensino estar pautado na construção e reconstrução social, onde os indivíduos tem o compromisso de construir suas próprias respostas ao longo da

história. E as instituições enquanto formadora deve-se refletir de tipo de ensino perpassa os muros das instituições. Devido a isso, acrescenta-se um novo questionamento. Você docente, acredita que Livro Didático tem contribuído para a formação do aluno na história?



Fonte: Dados da pesquisa

Esta pergunta divide opiniões, onde temos 50% dos docentes responderam que sim, e 50% responderam que não. Lamentavelmente esta divisão, deve estar relacionada, porque os Livros Didáticos são escritos/produzidos das escritas das classes dominantes, escondendo o outro lado da História, notados em quase todos nos LD, principalmente no que norteia esta pesquisa, o Livro Didático de História.

E procuramos entender, de acordo com o olhar de professoras que estão, há anos dentro das salas de aula, e de que forma isso acontece, segundo os relatos das docentes.

- *Porque através do livro, o aluno busca conhecimentos da história além de outras disciplinas;*
- *Porque os nossos livros não atendem a nossa realidade da nossa região;*
- *O livro didático mostra muito o lado bonito do europeu, enquanto o negro é discriminado;*
- *Tem contribuído um pouco, porém, precisamos realizar pesquisas para enriquecimento do nosso trabalho.*

E como sempre, precisamos repensar que tipos de ensino estão passando aos nossos alunos, será se estamos mostrando só o lado eurocêntrico da História, deixando de mostrar os caracterizados como subalternos, sujeitos, os não, dignos de viver em sociedade, será se não estamos ocultando a importância ou a participação desses povos na construção Histórica e social da sociedade brasileira.

Temos em mão uma defasagem nas escritas dos Livros Didáticos, e por fim, vivemos em um país com conflitos sociais, e a pergunta a seguir estar relacionada a isso. O Livro Didático estudado na escola aborda a pluralidade racial no Brasil. De que forma? Das quatro professoras que responderam o questionário, só três responderam esta pergunta. Sendo 100% que sim, o Livro Didático utilizado na escola aborda a pluralidade racial brasileira, só que de forma classificatória. Onde precisa-se mais abordar esse assunto de forma mais ampla, havendo a necessidade de se realizar pesquisas.

De acordo com Fernandes (2005, p. 380).

Os livros didáticos, sobretudo os de história, ainda estão permeados por uma concepção positivista da historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, escamoteando, assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do país. Na maioria deles, despreza-se a participação das minorias étnicas, especialmente índios e negros. Quando aparecem nos didáticos, seja através de textos ou de ilustrações, índios e negros são tratados de forma pejorativa, preconceituosa ou estereotipada. (Oriá, 1996).

A citação é bem clara a respeito de abordar a pluralidade cultural dos classificados minorias, e isso não estar relaciona somente ao LD, mas outros manuais didáticos e os currículos escolares, onde são portadores de uma cultura superior e civilizatória. Enfatizando as outras culturas como meros representantes folclóricos.

Uma vez que, deixa claro que a educação, com seus LD, currículo, projetos, com a aprovação da Lei 10.639/03 ainda não aprendeu a lidar, convivem com a diversidade, pluralidade cultural, ou seja, não aprendeu a conviver, aceitar as crianças, jovens negros da sociedade.

É nesse contexto que destacamos o Censo 2010 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Onde dos 191 milhões de brasileiros, 47,7% (91 milhões) declararam ser da raça branca, 15 milhões disseram ser pretos, 82 milhões pardos, 2 milhões amarelos e 817 mil indígenas. (IBGE, 2010).

Vejamos, apesar de pretos e pardos serem a maioria na população brasileira, ainda enfrentamos um quadro de desigualdade, em todas as esferas sociais. Sabemos, pois que já aconteceram reivindicações por busca de seus direitos, aceitação e pelo fim da discriminação racial e preconceito, e nada mudou. Por este e outros motivos que lutamos pela valorização da pluralidade cultural, e a inserção destes saberes para o combate à Discriminação e o Preconceito Racial no sistema educacional brasileiro. Por isso entendemos que.

Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o resgate da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se vêem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação. (FERNANDES, 2005, p. 382).

Consideramos neste estudo que é de fundamental importância do conhecimento por parte de nossos alunos, por se tratar de uma temática de valorização da pluralidade cultural, dentre a temática temos a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de todo país. Que temos a esperança, que com isso possamos ver as contribuições dos negros dentro da política, e economia que discerne o nosso Brasil.

Sabemos que o professor é a peça fundamental para a vida do aluno. Com relação a isso, quais os desafios você encontra que pode interferir/influenciar na relação professor e aluno? Visto que a relação professor, aluno deve ser um ponto a ser debatido no contexto escolar, uma vez que a prática educativa do professor influencia com relação à temática debatida neste trabalho. Sendo que devemos estabelecer uma reflexão, para que a relação entre ambas às partes não venha interferir na construção do conhecimento do aluno. Devido a isso, temos alguns pontos destacados pelas docentes que podem influenciar, interferir nas suas relações.

- *Como professora sempre procuro mostrar que o negro é importante para desenvolvimento, aprendizagem de uma nação.*
- *No conhecimento prévio que trazem do meio em que vivem. Podemos trabalhar à quebra de preconceitos e entre outros problemas. Assim, conscientizando o público e formando cidadãos críticos construtivos e participativos.*
- *Desafios são muitos e devemos encará-los com segurança e naturalidade para influenciar bons relacionamentos entre professor e aluno.*

- *A participação da família é fundamental, para que o aluno possa superar as dificuldades que o professor possa fazer seu trabalho, que é ensinar.*

Foi de extrema importância perceber que os docentes tem essa concepção, mais nem todos sabem que o seu papel é importantíssimo na vida do aluno, pois o ser professor vai além da apropriação de conteúdos, tornando mais eficiente a aprendizagem do aluno e o comprometimento de ambas as partes. Ou seja, o professor tem que saber lidar com vários perfis de alunos, saber compreender e identificar as dificuldades dos alunos, também faz parte do processo de aprimoramento pedagógico.

A ação educativa deve ser uma “ação cultural” que leva à libertação de todos os educadores educadoras, de todos os educandos e educandas, de todos os meninos e de todas as meninas, de todos os negros e de todos os “não-negros”... libertação de todas as formas de preconceito e discriminação que impedem, a todos, de “ser mais”. (SANTOS, 2001, p. 112).

O que se pensar um educando que não pensa além da sala de aula e que os dados provenientes da aplicação do questionário nos permitem melhorar mediante os resultados obtidos e assim chegamos a conclusão com os posicionamentos das professoras, que elas enfrentam grandes desafios no seu dia a dia, mas os desafios encontrados pelos alunos é que não a uma aproximação do professor com a realidade de seus estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ainda enfrenta muitos problemas com relação à cultura e a identidade dos alunos e conseqüentemente as expressões culturais trazidas nos livros didáticos não representa a identidade nacional brasileira. Para que ocorra uma mudança é necessário, que os professores tenham conhecimento sobre as questões raciais que pode ser fundamentada na Lei 10639/03, que decreta debates em torno das matrizes étnicas que são os índios, os africanos e conseqüentemente os europeus, que compõe a construção da identidade do país.

Apesar de a discriminação racial ser um problema social que perpetua ainda nos dias atuais, notou-se que é um tema conhecido, mas pouco abordado no ambiente escolar. Deste modo, acreditamos que a educação é primordial para que a sociedade exclua qualquer tipo de manifestação que venha denegrir os indivíduos por conta de sua cor, raça ou grupo étnico racial.

Com este estudo, pode-se perceber que a Discriminação Racial precisa ser desnaturalizada. Para isso é notado que apesar dos relatos das docentes serem propostas de enfrentamento ao racismo no ambiente escolar, é necessário capacitação de professores com objetivos de implementar novas metodologias capazes de atender aos alunos vítimas de racismo e conseqüentemente essas mudanças perpassa as práticas pedagógicas.

Além da capacitação, é importante que os docentes ampliem, explore as temáticas em sala de aula, pois as relações sócias não são exclusivamente do ensino de História, por se tratar da historicidade, mas um componente curricular aberto a discursões para a valorização da cultura brasileira e afro brasileira, que juntos representam os afrodescendentes.

Acabar com a discriminação racial, dentro das instituições escolares é um chamado a valorizar a cultura negra, visto que, conhecer a influência dos negros, de sua cultura nas escolas é uma das formas de combater a discriminação, racismo e o preconceito dentro do ambiente escolar. Com propostas com base na Lei 10.639/03 que traz a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro brasileira e Africana, em toda a educação brasileira, onde veio contribuir com a educação com propostas de valorização de personagens negros que contribuíram com a nossa sociedade e o reconhecimento de pessoas negras, com direitos e deveres como todas as outras pessoas negras que compõe a sociedade.

Pode-se perceber com este estudo, que tratar, estudar a cultura afro brasileira e africana não é tarefa fácil dentro do ambiente escolar, visto que nos livros didáticos analisados, os seus conteúdos são superficiais, não mostra o acontecimentos históricos como ele é. Falta saber quem são esses personagens, suas contribuições para a sociedade de hoje, por que vieram para Brasil, em que condições. Pois esses elementos condizem muito e ajuda no reconhecimento da construção da identidade de nossos alunos com a cultura e conseqüentemente de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª edição. São Paulo. Cortez Editora, 2008.

BITTENCOURT, Circe. In: **O Saber Histórico na sala de Aula**. São Paulo: Editora Contexto. 1997. p. 69-90.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CAMPOS. O ensino, a História e a Lei 10.639. **História & Ensino**, Londrina, v. 10, p. 41-52, out. 2004.

DOS SANTOS, José Luiz. **O que cultura?**. Brasiliense, 2017

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FERNANDES. José Ricardo Oriá. ENSINO DE HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005

GOMES, Ana Beatriz Sousa; SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. **Educação para as relações étnico-raciais: a lei 10.639/2003 e a diversidade na escola brasileira**. In: Educação para as Relações Étnico-Raciais/ organização de Ana Beatriz Sousa Gomes, Gildásio Guedes Fernandes, Cleidinalva Maria Barbosa Oliveira. - Teresina: EDUFPI, 2011.p 175

OLIVEM, Arabela Campos. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: Uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil os Estados Unidos e o Brasil. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1 (61), p. 29-51, jan./abr. 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia. Brasília: MEC, SEF, 1997.

PORFÍRIO, Francisco. "Etnocentrismo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>. Acesso em 11 de junho de 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei 10639 de 9 de janeiro de 2003. Acesso em < 13.10.2019>; Disponível em: <[https:// www.planalto.gov.br/ccivil/leis](https://www.planalto.gov.br/ccivil/leis).

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. 2001.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. In: Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola/ Eliane Cavalleiro (organizadora). – São Paulo: Selo Negro, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia M. F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos CEDES (Impresso)**, Campinas, São Paulo, v. 67, n.1, p. 297-308, 2005.

Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural. Disponível em <portal:mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf> Acesso em < 15.9.2019>.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstrução da Discriminação no Livro Didático**. In: **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

SILVA, Hayana Crislayne Benevides da; SILCA, Mônica Teodosio da; MELO, Margareth Maria de. **A imagem do povo negro no livro didático do primeiro ciclo inicial do ensino fundamental**. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

STUCKERT, Ricardo. Há 16 anos Lula sancionou Lei que colocou a História Afro-brasileira nas escolas. Acesso em <15.10.2019>; Disponível em: <https://pt.org.br/ha-16-anos-lula-sancionou-lei-que-colocou-a-historia-afro-brasileira-nas-escolas/>

VIEIRA, Angélica Catarino; TONIOSSO, José Pedro. O ensino da história nos anos iniciais do Ensino Fundamental: concepções dos professores sobre a prática em sala de aula. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro SP, 5 (1): 22-42, 2018.

ANEXOS

Questionário

Este questionário faz parte da pesquisa “A Discriminação Racial no Ambiente Escolar: Práticas Docentes na Construção da Identidade” que visa investigar as práticas docentes dos professores para com a construção da identidade e sua influência para com a Discriminação Racial no Município de Codó - MA.

Agradeço a participação

Nome: _____

Sexo: _____ Formação: _____(graduação)

Cor/ Raça: _____

Qual sua área de atuação? _____

1. Levando em consideração sua área de atuação você docente acredita que a cultura negra precisa ser estudada. POR QUÊ?

SIM NÃO

2. Baseado em sua resposta. Você considera que o currículo ao ser elaborado, ele deve apresentar as contribuições da cultura negra e sua diversidade, ou apresentar somente os Europeus como sendo os únicos na história.

3. Você docente procura apresentar a seus alunos os personagens negros apenas em datas comemorativas ou como instrumento da prática pedagógica ou quando acontece alguma prática discriminatória entre alunos.

4. Quando você docente presencia situações de desigualdade, como você se posiciona?

a) De forma neutra.

b) procura refletir o caso, para depois se posicionar.

c) Chama os envolvidos para uma possível diálogo resolução.

d) Leva o assunto para ser discutido/resolvido dentro da sala de aula de outras maneiras , para que todos se conscientizem.

5. De que forma o corpo docente da escola (diretor, professor, zelador, vigia, supervisor) buscam trabalhar no ambiente escolar questões que buscam fortalecer o respeito a diversidade étnico racial entre alunos?

6. Com relação aos Livros Didáticos, você o considera como um influenciador para uma prática discriminatória,

7. Você considera que em algumas vezes, você nega a existência do Racismo entre alunos? POR QUÊ?

SIM NÃO

8. O que você docente poderia fazer para mudar essa realidade?

9. Que tipo de ferramenta você utiliza em suas práticas docentes? Para trabalhar a relação étnica racial como os alunos?

10. Você docente, acredita que Livro Didático tem contribuído para a formação do aluno na história? De que forma?

SIM NÃO

11. O Livro Didático estudado na escola aborda a pluralidade racial no Brasil. De que forma?

12. Sabemos que o professor é a peça fundamental para a vida do aluno. Com relação a isso, quais os desafios você encontra que pode interferir/influenciar na relação professor e aluno?